

LIBERDADE, LIBERDADE!

IVONE GEBARA

Camaragibe, PE, Brasil

A palavra liberdade tem um som agradável aos ouvidos e é capaz de despertar muitas emoções positivas apesar das inúmeras dificuldades nela contidas. Falar de liberdade parece à primeira vista como falar de coisas fundamentais sem as quais não se pode viver com dignidade. Por isso podemos dizer que, mais ou menos, quase todas as pessoas sabem o que significa a liberdade embora os significados atribuídos sejam marcados pelos contextos subjetivos, por imprecisões e por uma imensa diversidade de experiências e nuances. Por onde começar uma reflexão sobre a liberdade? Há muitos caminhos e intuições.

Proponho o de começar buscando a etimologia das palavras, pois ela indica algo mais próximo da experiência que as viu nascer. É como se a etimologia nos entregasse uma chave para abrir as palavras e narrar algo de sua irrupção histórica. A palavra liberdade vem do latim, “libertas”. E a palavra “libertas”? Libertas vem de líber, ténue tecido que permite a circulação da seiva das plantas. Se a líber está bloqueada por qualquer motivo, a planta pode fenecer e morrer. Por analogia líber também se atribui à vida humana e à necessidade que temos de que nossa seiva humana, nosso sangue, nossa respiração circulem permitindo-nos saúde vital. Nossa líber, ou seja, os tecidos pelos quais corre nossa energia e nossa seiva precisam estar em boas condições e sem obstruções para que nosso corpo esteja bem. Na medida em que essa seiva está bloqueada por diferentes motivos dizemos que falta-nos liberdade ou falta-nos a circulação de nossa seiva vital. Um prisioneiro entre grades ou um acorrentado ou uma pessoa impedida de falar ou uma multidão de famintos têm a sua “líber” obstruída. E, o movimento para restaurar a circulação pode ser chamado de “busca da liberdade”.

Por isso, podemos dizer que a história da liberdade acompanha a história humana. Cada vez que por algum motivo nossa seiva vital tanto a nível pessoal quanto coletivo se vê bloqueada por forças externas ou internas sentimos um diversificado mal estar que caracterizamos como “falta de liberdade”, ou seja, falta de circulação adequada de nossa seiva vital. A falta de circulação de nossa seiva é uma ameaça à vida nas suas diferentes dimensões. É nesse sentido que se cunhou a expressão “liberdade ou morte”, ou seja, a morte

aparece como alternativa ou mais precisamente falta de alternativa à busca de liberdade. Mortos, já não nos ocupamos de manter nossa seiva vital.

Constatamos que a busca da liberdade é um processo contínuo, não abarcável em todos os seus aspectos e nunca terminado. Nesse processo estamos continuamente bloqueando a seiva vital uns dos outros para afirmarmo-nos como senhoras e senhores uns dos outros. Por isso a liberdade é um complexo movimento de luta contínua, vem e vai, é buscada, perdida e reencontrada como parte de nossa própria vida. É esse o palco da história humana e de todos os seres e coisas que se conectam com ela. Acolher essa verdade temporal, mutável e limitada da liberdade como um valor sempre renovável é de certa forma nos tornar livres dos muitos absolutismos que construímos e nos impomos.

Ao longo de nossa história de forma sutil ou autoritária impomos uns aos outros modelos de liberdade, brigamos até a morte por situações que acreditávamos ser o anúncio da liberdade perene. Na mesma linha declaramos algumas pessoas livres e outras escravas, identificamos a liberdade a estados de bem estar econômico, político e social ou a uma prática religiosa. Queremos também direcionar e regulamentar a liberdade a partir de ideologias ou de utopias sociais e religiosas acreditando nelas como soluções para a crueldade humana ou para as relações injustas. Entretanto, na maioria das vezes fracassamos, pois o que era o objeto de nossa liberdade tornou-se uma forma de prisão e até de suplício para outros e muitas vezes para nós mesmos. No longo e renovado processo de sermos humanos, de respondermos àquilo que chamamos de “vocação à liberdade” nos perdemos, nos tornamos desumanos e chegamos até a renunciar à liberdade dos outros e à nossa por mantermos uma ideia às vezes anacrônica de liberdade ou por defendermos uma pseudoliberalidade. Em nome desta podemos eliminar pessoas, negar-lhes direitos, bloquear seus passos considerando-as nocivas à realização de algo que chamamos nossa liberdade individual. Quantas vezes regimes políticos, universidades, religiões eliminaram pessoas de grande valor porque estas discordavam de teorias científicas ou de crenças religiosas vigentes? Usaram a palavra liberdade como álibi para manter sua tirania e seu do-

mínio sobre corpos e consciências. Quantos assassina-
tos em nome da liberdade, quantas fogueiras acendidas
para queimar vivos corpos de mulheres e homens cujo
crime foi pensar e viver de forma autônoma e permitir
que sua seiva vital circule?

Hoje, estamos sendo convidadas/os a nos libertar
dos esquemas pré-estabelecidos de liberdade e as-
sumir posturas críticas em relação a nossos próprios
conceitos. Muito embora necessitemos de pedagogia
e metodologia para vivermos livremente, a busca da
liberdade é maior do que os pequenos esquemas que
nós nos estabelecemos. Ela começa com alguns pas-
sos fundamentais para a manutenção da dignidade de
nossa vida e segue seu processo de transformação ao
ritmo dos novos desafios que a história nos lança. A
liberdade parece não se identificar a modelos fixos de
comportamento, mas flui com o fluir da vida. Daí a
dificuldade inerente à busca de liberdade. Como dizia
Paulo Freire há que almejar “ser mais” do que estamos
sendo. Por isso, é preciso não se contentar só com o
aprendizado da leitura, é preciso escrever livros a partir
da vida cotidiana. Não buscar apenas boa comida para
seus filhos, mas boa comida na mesa de todos. Não
basta que apenas alguns tenham direitos garantidos,
é preciso que o direito se expanda a todos e se renove
conforme as necessidades do momento.

A dinâmica da liberdade é a dinâmica da manuten-
ção da vida individual e da vida coletiva comum. É a
força vital fluindo em mim e em você, é a força vital
fluindo em nosso povo, mas também em outros povos.

Os processos de afirmação da liberdade ou de des-
bloqueio da energia vital que nos mantém vivos são
marcados pela contradição inerente à condição humana
e acentuada pela ganância multiforme que nos caracte-
riza. A seiva vital corre misturada às forças de morte,
à ambição, ao autoritarismo, ao egoísmo, à verdade e
à mentira, à mudança de posições e interesses que nos
caracterizam. Por essa razão precisamos estar vigilantes
para não cairmos na tentação de impor nossos modelos
idealizados a pessoas ou a situações que muitas vezes
são bastante especiais e particulares. E mais do que
isso, precisamos tentar guardar-nos da tentação de
usar a palavra liberdade em vão, sobretudo quando a
atribuímos a sistemas econômicos ou às instituições
que criamos. Por exemplo, é comum ouvirmos falar
da liberdade do mercado capitalista entendendo por
aí a imposição de leis estabelecidas pelas elites que
dominam o comércio nacional e internacional. Liberdade
seria aqui a circulação da seiva vital de alguns de

forma incontida e desmedida e, sempre em benefício
próprio, prejudicando a seiva vital da maioria. Ou pode-
ríamos pensar na liberdade dos brancos em detrimento
da escravização dos negros ou da dominação masculina
em detrimento do direito à dignidade das mulheres. A
liberdade guarda em si muitas possibilidades, ambigui-
dades e contradições. Com tudo isso se está querendo
chamar a atenção para o uso indevido da palavra
liberdade e por isso mesmo afirmar a necessidade de
não nos contentarmos apenas com o aparecimento da
palavra num texto político ou num discurso público ou
mesmo numa poesia para acharmos que já se está na
busca desse valor precioso. Só a palavra sem as ações
correspondentes pode ser uma armadilha perigosa. Por
essa razão é preciso sempre perguntar em que sentido
a palavra está sendo usada e em benefício de quem.
É preciso continuamente desentranhar as motivações
daquilo que chamamos “nossa busca de liberdade”.

A busca da liberdade inclui um renovado processo
educativo que nos convida a entender melhor a multi-
plicidade de usos e costumes em torno de uma mesma
palavra. Por isso, o educador Paulo Freire falava de
“pedagogia da liberdade” para indicar a complexidade
desse processo e a necessidade de estarmos sempre nos
preparando para modificá-lo e compreendê-lo sempre
de novo de acordo com as novas situações.

A liberdade não é uma aquisição tranquila, mas
é apenas algo parecido a um valor fundamental que
experimentamos uma vez e muitas vezes de forma
renovada e contínua. E, nesse sentido, a liberdade se
aproxima do amor, da verdade, da bondade, ou seja, de
todos esses valores humanos que buscamos sem cessar.
Nenhuma experiência de liberdade ou de amor ou de
verdade esgota a liberdade, o amor e a verdade. Cada
experiência é uma figura, uma expressão daquilo que
buscamos e buscaremos até o último suspiro de nossas
vidas. Essa multiplicidade de expressões nos convida a
respeitarmos e ao mesmo tempo dialogarmos com as
pessoas que têm experiências e visões diferentes. A
liberdade necessita do diálogo conosco e com os outros
para se manifestar e seguir seu caminho no caminho da
história humana. A liberdade é uma incansável exigên-
cia pessoal e coletiva e por isso mesmo um chamado
constante dirigido pela Vida a todas as vidas para que
busquem manter a seiva vital que está em mim, mas
é sempre para além de mim. A seiva vital é o Mistério
da Vida em nós. Por isso ela grita em nós sem cessar:
Liberdade! Liberdade!